

O QUE A SUPERAÇÃO DO TECNICISMO NÃO SUPEROU? CONTRIBUIÇÕES DA FENOMENOLOGIA PARA A PEDAGOGIA DO ESPORTE

Gabriel Orena Sandoval – Doutorando em Educação Física e Sociedade na Faculdade de Educação Física (FEF) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Email: g216386@dac.unicamp.br

Eduardo José Marandola Júnior – Docente da Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Email: eduardo.marandola@fca.unicamp.br

Alcides José Scaglia - Docente da Faculdade de Ciências Aplicadas (FCA) da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp). Email: scaglia@unicamp.br

Esse resumo se direciona a perceber como a fenomenologia enquanto uma base epistemológica, por buscar a experiência vivida, conceitua a relação do jogador(a) com o jogo, distinta daquela que a superação do tecnicismo e aproximação à tática concebeu. É de conhecimento geral que a Educação Física enquanto área esteve, durante várias décadas, associada a um olhar militarista, vislumbrando um corpo perfeito, manifesto na técnica perfeita. A partir dos anos 1990, entretanto, o ensino do esporte inicia a ser repensado e a técnica deixa de ser o ponto nevrálgico da prática pedagógica de professores(as). Em contraposição, o ensino deveria acontecer no jogo – e não fora dele para depois ser aplicado. Para isso, várias bases epistemológicas foram lançadas para legitimar essa superação. Uma delas foi o olhar humanista da psicologia de Carl Rogers. Vislumbrando o desenvolvimento do Eu próprio de cada aluno(a), o professor deveria ser um facilitador para o aprendizado acontecer. A via, porém, mais aceita na literatura é a cognitivista. Superando o comportamentalismo, o cognitivismo, inspirado nos estudos da neurociência, compreende que há diferentes perfis cognitivos o que impede que o ensino seja idêntico a todos, por isso, deve ser na interação com o jogo que o aprendizado se legitima. Assim, crê que o processo de construção de conhecimento se dá na apreensão de conceitos que são aprendidos. Ou seja, se conhece o mundo a partir da retomada de imagens mentais – ou, representações. Somente a partir desse conhecimento estocado que é possível compreender os elementos. Dessa forma, a virada epistemológica do ensino pautado na técnica direcionou-se para o ensino pautado na tática, uma vez que ela enquanto um conceito balizado por princípios que tornam o jogo reconhecível, permitia que as ações em campo fossem rigorosas na medida em que correspondem às representações fundamentais nos conceitos previamente concebidos. O ponto, todavia, é a limitação: a tática não estaria, ainda, moldando (agora do ponto de vista intelectual) a forma de agir? Não haveria pouca permeabilidade ao ambiente e maior ênfase na subjetividade de cada um(a)? Isso é superação do tecnicismo? A fim de questionar essa dimensão, Wagner Wey Moreira, Elenor Kunz e Terezinha Petrúcia da Nóbrega foram autores que buscaram trazer o conceito de corporeidade, elaborado por Maurice Merleau-Ponty, vislumbrando anunciar que o corpo é dotado de inteligência e, por isso, toda movimentação é ancorada por uma intencionalidade, na medida que está fundada pela relação que cada um cria com o ambiente – e não por ideais comuns. Dessa maneira, defendemos que a contribuição que a fenomenologia teria para a superação do tecnicismo seria capaz de desvincular tanto com o ensino pautado na técnica quanto o ensino pautado na tática, uma vez que conceber quem joga em sua corporeidade seria compreender seu deslocamento em campo/quadra não de modo geométrico, mas atrelado ao envolvimento com o mundo (jogo), pois quem joga são pessoas que tem sua singularidade e autonomia marcada por sua condição corporal. No envolvimento corpo-mundo, o mover desloca-se do intelecto e se vincula ao vai-e-vem do jogo.

Palavras chaves: Fenomenologia; Tecnicismo; Pedagogia do Esporte; Tática; Interacionismo